

Os Desafios e as Estratégias da Educação Frente a Imprevisibilidade do Mundo

Ivanilde Apoluceno de Oliveira*

Resumo

Este artigo versa sobre a análise sobre os desafios e as estratégias da educação frente a imprevisibilidade do mundo, a partir de uma abordagem filosófica sobre as concepções essencialista e existencialista de mundo. Entre os desafios da educação apontamos a necessidade de reflexões sobre os pressupostos antropológicos-filosóficos da educação, as questões econômicas, éticas e políticas de nossa sociedade atual e a ruptura do discurso e da prática educativa tradicional excludente

Palavras-chave: educação, imprevisibilidade, mundo.

O debate sobre os desafios e as estratégias da educação frente a imprevisibilidade do mundo, pressupõe, a priori, que estamos falando de uma relação entre o ser humano e mundo não em uma perspectiva essencialista, mas existencialista.

O que consideramos como mundo?

O mundo seria a totalidade de um campo de atividades e de relações humanas, ou seja, o conjunto de conhecimentos, ações e relações existentes entre o ser humano com as coisas e os outros seres. O mundo envolve, então, o campo físico, material e o campo histórico-cultural. O ser humano amplia o seu campo de conhecimento e de ação do meio (do imediatamente dado) para o mundo (mediado pela reflexão).

O que diferencia essas duas concepções de mundo?

• **Concepção Essencialista de Mundo**

A palavra essência vem do latim "essentia",

Comunicação Universitária:
Revista do Centro de Ciências
Sociais e Educação.
Belém, Nº 4, 2003

* Doutora em Educação: Currículo pela PUC-SP. Mestra em Educação pela UFPB e Professora de Filosofia da Educação da Universidade do Estado do Pará

que significa conjunto de atributos que caracterizam de forma universal o ser humano, ou seja, algo constitutivo e comum a todos os seres humanos. Essa universalidade humana é construída por uma abstração conceitual. Assim, o ser humano é visto como um ser racional, sendo a racionalidade a essência humana.

Na visão essencialista de mundo a tese é a de que: *a essência precede a existência*. Isso significa que a essência humana já está dada, determinada antes do ser humano existir (singular, temporal e espacialmente).

Os princípios lógicos da metafísica constituem os fundamentos da concepção essencialista de mundo. Estes princípios consideram que:

- A. a realidade das coisas é não contraditória (Princípio de identidade oposição dos contrários).
- B. as coisas são separadas ou isoladas umas das outras (Princípio da não relação recíproca).
- C. as coisas não se modificam em si mesmas. A realidade das coisas na sua essência permanece sempre igual (Princípio da imobilidade).

A relação do ser humano com o mundo, então, é de acomodação, de conservação, de passividade e objetivado. O ser humano está colocado no mundo para contemplá-lo.

● **Concepção Existencialista de Mundo**

A palavra *existência* vem do latim "existere", que significa modo de ser real do próprio do ser humano; modo de ser em "situação", ou seja, situado singular, temporal e espacialmente no e com o mundo.

O ser humano é compreendido como *projeto de seus atos*, a sua essência é construída através de suas ações no mundo, em suas relações com o mundo.

Na visão existencialista de mundo a tese é a de que: *a existência precede a essência*. Significa dizer que, o ser humano primeiramente existe e depois constrói a sua essência. O ser humano existe inicialmente e se define pelo que faz. Definindo-se pelo que faz, o ser humano é um projeto que se vive subjetivamente. "Compelido a projetar sua vida, é

responsável por aquilo que faz" (CORBISIER, 1987:94 e 95). O ser humano cria-se livremente a si mesmo.

O ser humano nesta relação com o mundo é, também concebido, numa perspectiva dialética, como "ser de práxis", situado em uma realidade concreta, em um contexto histórico-social, no qual estabelece relações com os outros seres. A relação do ser humano com o mundo é de atuação, de autonomia, de interferência e de modificação do mundo. O ser humano é o sujeito do conhecimento, da história e da cultura.

Assim, essa visão existencialista-dialética de mundo fundamenta-se nos seguintes princípios lógicos:

A. a realidade das coisas é contraditória (Princípio da contradição unidade e luta dos contrários)

B. as coisas são consideradas em suas relações recíprocas (Princípio: tudo se relaciona).

C. as coisas se modificam em si mesmas. As coisas se transformam através de saltos qualitativos. As coisas estão sempre em movimento (Princípio da mobilidade).

Então, falarmos de *imprevisibilidade do mundo* implica em olharmos para a relação ser humano e mundo através de uma visão existencialista-dialética de mundo.

A *imprevisibilidade* tem a marca do existir do ser humano no mundo e com o mundo: a consciência de sua finitude, de sua inconclusão, de suas angústias, desejos, solidão, comunicação, desespero, necessidades, possibilidades, projetos de vida, etc.

A *imprevisibilidade* está situada na possibilidade existencial e histórica de modificação da natureza e da realidade social pelo ser humano. A *imprevisibilidade* pressupõe a *história como possibilidade*.

A História é tempo de possibilidade e não de determinações. E se é tempo de possibilidades, a primeira consequência que vem à tona é a de que a História não apenas é mas também demanda liberdade. Lutar por ela é uma forma possível de, inserindo-nos na História possível, nos fazer igualmente possíveis (FREIRE, 1993: 35).

Nesta perspectiva, quais os desafios e as estratégias da educação frente a essa imprevisibilidade do mundo?

Para chegarmos a esses desafios temos que elaborar algumas reflexões sobre:

1ª Reflexão: os *pressupostos antropológico-filosóficos da educação*.

Para FREIRE (1981), não é possível fazermos uma reflexão sobre o que é educação sem uma reflexão sobre o próprio ser humano, objetivando encontrar na natureza humana, algo que possa constituir o núcleo fundamental de sustentação do processo educacional. Esse núcleo de sustentação da educação é a inconclusão humana. O ser humano sabe que não sabe tudo, por isso ele busca o conhecimento e interfere através de sua práxis no mundo.

A educação tendo o inacabamento humano como suporte constitui-se em um processo inerente ao existir humano, ao seu projeto de formação como pessoa humana e cidadão.

A educação tem sentido porque o mundo não é necessariamente isto ou aquilo, porque os seres humanos são tão *projetos* quanto podem ter projetos para o mundo. A educação tem sentido porque mulheres e homens aprenderam que é aprendendo que se fazem e se refazem, porque mulheres e homens se puderam assumir como seres capazes de saber, de saber que sabem, de saber que não sabem. De saber melhor o que já sabem, de saber o que ainda não sabem. A educação tem sentido porque, para serem, mulheres e homens precisam de estar sendo. Se mulheres e homens simplesmente fossem não haveria porque falar em educação. (FREIRE, 2000:40)

A educação se apresenta, então, como uma situação de conhecimento e de intervenção do ser humano no mundo e uma forma de comunicação humana.

Contra a idéia do homem geral e abstrato, possuidor de uma natureza imutável e objetiva, precisamos pensar a partir [de homens e mulheres concretos]. E, desta relação constitutiva do [ser humano] com o outro e do [ser humano] com as coisas - relação que não ocorre apenas no mundo, mas com o mundo e pelo mundo - nasce o sentido da educação como forma de comunicação com os outros, como forma de transformação da natureza e como invenção e manipulação técnica das coisas. (PAVIANI, 1988:33).

Assim, um dos primeiros desafios da educação frente a imprevisibilidade do mundo é rompermos a visão essencialista de ser humano e de mundo. É tomarmos consciência histórica de que somos sujeitos gnosiológicos, éticos, sociais, políticos e culturais. É nos vermos na relação com o mundo agentes de transformação e não de contemplação e acomodação.

2ª Reflexão: *as questões econômicas, éticas e políticas de nossa sociedade atual.*

Nós vivemos em uma sociedade cujo contexto econômico, político e social globalizado é excludente. Defrontamo-nos com situações de: miséria e violência; exploração e discriminação do índio, do pobre, da mulher, dos que apresentam necessidades especiais, do negro, entre outros; injustiças e impunidades, que favorecem à manutenção da desigualdade e a criação do apartheid social.

A desigualdade social, econômica e política na sociedade brasileira chegou a tal grau que se torna incompatível com a democratização da sociedade. Por decorrência, tem se falado na existência da apartação social. No Brasil a discriminação é econômica, cultural e política, além de étnica. Este processo deve ser entendido como exclusão, isto é, uma impossibilidade de poder partilhar o que leva à vivência da privação, da recusa, do abandono e da expulsão inclusive, com violência, de um conjunto significativo da

população, por isso, uma exclusão social e não pessoal. Não se trata de um processo individual, embora atinja pessoas, mas de uma lógica que está presente nas várias formas de relações econômicas, sociais, culturais e políticas da sociedade brasileira. Esta situação de privação coletiva é que se está entendendo por exclusão social. Ela inclui pobreza, discriminação, subalternidade, não equidade, não acessibilidade, não representação pública. (SPOSATTI apud WANDERLEY, 1999:20)

Uma sociedade que apresenta um discurso moral individualista e utilitarista, do "cada-um-por-si" e do «vale-tudo», tendo como fim o lucro e os bens materiais, adquirindo estes um sentido de "felicidade" e um discurso político fatalista ao recusar o sonho e a utopia.

A morte do sonho e da utopia, prolongamento conseqüente da morte da História, implica a imobilização da História na redução do futuro à permanência do presente. O presente «vitorioso» do neoliberalismo é o futuro a que nos adaptaremos. Ao mesmo tempo que este discurso fala da morte do sonho e da utopia e desproblematiza o futuro, se afirma como um discurso fatalista. "O desemprego no mundo é uma fatalidade do fim do século". (FREIRE, 2000:123).

O **segundo desafio**, então, é *sermos capazes de colocar o ser humano no centro do debate educacional*, considerando ser esta uma necessidade ético-política de nossa sociedade atual, e o **terceiro**, é *desconstruirmos as representações, os discursos e as práticas excludentes de nossa sociedade atual*.

3ª Reflexão: *a práxis alienante e domesticadora de nossa tradicional educação.*

Práxis tradicional de educação, que legitima a exclusão social ao reproduzir a lógica do mercado, ou seja, os valores e as práticas de nossa sociedade globalizada.

Prática educativa tradicional que valoriza:

- o *aprendizado do cada um por si*, enfatizando o individualismo e a competição entre os discentes, ao privilegiar o trabalho individual e o sucesso escolar dos alunos.
- o *aprendizado do sentimento de inferioridade*, ao se estabelecer um ensino meritocrático e pautado no desempenho intelectual e nas atitudes morais e comportamentais dos alunos. O sucesso escolar dos «bons» alunos está associado aos prêmios e o fracasso escolar dos “maus” alunos, aos castigos.
- o *aprendizado da submissão*. Os alunos recebem passivamente os conteúdos escolares, não sendo estimulados a “dizerem a sua palavra” e a participarem democraticamente do processo ensino-aprendizagem.

A escola através de práticas educativas individualistas, meritocráticas e competitivas discrimina todos aqueles e aquelas que apresentam dificuldades na apreensão dos conteúdos escolares e que apresentam padrões de comportamento que fogem ao modelo tradicional escolar. (aluno competente e disciplinado). No jogo competitivo escolar, o que se privilegia é a capacidade intelectual em detrimento do afetivo e do emocional, a instrução escolar em detrimento das relações interpessoais.

O **quarto desafio** da educação, então, consiste na *ruptura do discurso e da prática educativa tradicional excludente*.

E, para enfrentar esses desafios a **estratégia** é o desenvolvimento de um trabalho educativo:

- *direcionado à valorização da pessoa humana*, enquanto sujeito de busca, de opções e de decisões;
- *problematizador da realidade social*, em que se estimule o diálogo, a curiosidade e o perguntar dos alunos/as. Trabalho educativo que se caracterize como uma ação de comunicação entre os sujeitos, possibilitando a convivência ética solidária com a diversidade de capacidades e de culturas.

- de sensibilização e de conscientização crítica sobre as injustiças e as discriminações sociais. Em que se lute mudança social, visando a superação (ou minimização) da exclusão social.

É preciso termos consciência de que:

O exercício de pensar o tempo, de pensar a técnica, de pensar o conhecimento enquanto se conhece, de pensar o quê das coisas, o para quê, o como, o em favor de quê, de quem, o contra quê, o contra quem, são exigências fundamentais de uma educação democrática à altura dos desafios do nosso tempo. (FREIRE, 2000:102).

Como a imprevisibilidade do mundo tem a marca da mão humana, então é o próprio ser humano, através de suas ações concretas e das reflexões críticas sobre o seu fazer cotidiano, que torna factível as mudanças sociais.

Bibliografia

CORBISIER, Roland. *Enciclopédia Filosófica*. 2e. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1987.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. São Paulo: UNESP, 2000.

_____. *Política e educação*. São Paulo: Cortez, 1993

_____. *Educação e mudança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

PAVIANI, Jayme. *Problemas de Filosofia da Educação*. 4e. Petrópolis: Vozes, 1988.

WANDERLEY, Mariangela. *Refletindo sobre a noção de exclusão*. In SAWAIA, Bader (Org.) *As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social*. Petrópolis-RJ: Vozes, 1999.